

## Affectivity and narrative revisited: a look on *Tieta's* televiewers teleaffective memory

This paper aims to analyse the affectivity of *Tieta's* televiewers, before the remembrances with a teleaffective memory. The research responds to how the affections of the audience appear when rewatching an audiovisual narrative 28 years later and what kind of affective elements can contribute to the *Tieta's* success and trigger a teleaffective memory. As a methodological procedure applies Baldin's content analysis (2011), identifying the lexical meanings of twitter postings during the first week of *Tieta's* debut on Canal Viva, from May 1 to 6, 2017. The final result reveals that the teleaffective memory evidences affections when revisiting an audiovisual narrative and evokes pleasure with the remembrances.

**Keywords (Lato Semibold, 9pt, esp. 15pt)**

Television, Memory, Teleaffective memory, Social Media, Affection

## Afetividade e narrativa revisitada: um olhar sobre a memória teleafetiva dos telespectadores de *Tieta*

**Este artigo apresenta como objetivo analisar a afetividade dos telespectadores da telenovela *Tieta*, a partir da memória teleafetiva. A pesquisa responde como aparecem os afetos da audiência ao revistarem uma narrativa audiovisual 28 anos depois, e que tipo de elementos afetivos pode contribuir para o sucesso da telenovela, desencadeando uma memória teleafetiva. Como procedimento metodológico, aplica-se a análise de conteúdo de Bardin (2011), identificando os sentidos léxicos das postagens no twitter durante a primeira semana da estreia de *Tieta*, no Canal Viva, de 01 a 06 de maio de 2017. O resultado final demarca que a memória teleafetiva evidencia afetos ao visitar uma narrativa audiovisual e evoca prazer com as memórias.**

**Palavras-chave (Lato Heavy, 9pt, esp. 15pt)**

Televisão, Memória, Memória Teleafetiva, Redes Sociais, Afeto

## Introdução

A memória é um elemento importante para ser investigado. Nela encontramos respostas para do passado e do presente. As lembranças coletivas, bem como a identidade social dos indivíduos, marcam uma trajetória no tempo e espaço. Mesmo sendo subjetiva, a memória é um tipo de narrativa que pode ser rememorada a partir das percepções e lembranças.

Na literatura, encontramos obras que demarcaram histórias e fatos sociais. Quando estas são adaptadas para a televisão, o alcance popular é ainda maior. Quanto mais exposta e coletiva for a história, mais evidentes serão os elementos que a faz ser recordada. Exemplo disso é a telenovela *Tieta*, exibida pela Rede Globo em 1989, criada a partir da obra de Jorge Amado, a qual conta a história de uma jovem que é espancada e colocada para fora da cidade pelo pai e retorna anos depois com o propósito de vingança.

Verificar como uma obra audiovisual interfere na aquisição de sentimentos e na formação da memória é necessário, visto o valor cultural que as telenovelas representam no Brasil. São cerca de cinco títulos por dia, somente na Rede Globo, ocupando boa parte da programação.

O Canal Viva, que pertence ao Grupo GloboSat, é um espaço para rememorações, visto ser a programação, em sua maioria, baseada em produtos que pertencem ao arquivo da Rede Globo de Televisão. Está no ar desde maio de 2010 e sua grade é formada por telenovelas, programas de humor e musicais, seriados, filmes antigos e algumas produções do próprio canal. Vem alcançando índices positivos de audiência. Dentre os canais de TV por assinatura, quase sempre está entre os dez mais assistidos. Pode-se dizer que, em muito, esta audiência se deve ao passado, que é reativado, capturando o telespectador pelas lembranças.

A telenovela *Tieta*, por exemplo, que estreou no Viva em maio de 2017, alcançou bons números de telespectadores. Nos meses de setembro e outubro, colocou o canal entre os 10 mais assistidos da TV paga no Brasil e, em alguns meses, permaneceu na liderança da programação a cabo (LEITE, 2017).

Nesse cenário, a função que a memória traz para o contexto televisivo merece ser investigada, visto que a TV pode ser um meio condutor de lembranças. O conceito de memória teleafetiva explica que há vibrações que dão prazer ao estar diante de uma programação exibida tempos atrás, sendo que a sociabilidade e o contato com sujeitos e objetos auxiliam na rememoração.

Por isso, a presente pesquisa objetiva analisar a afetividade dos telespectadores da telenovela *Tieta*, diante das rememorações através de uma memória teleafetiva. Apresenta duas questões de investigação: como aparecem os afetos dos telespectadores ao revistarem uma narrativa audiovisual 28 anos depois? Que tipo de elementos afetivos pode contribuir para o sucesso da telenovela e desencadear uma memória teleafetiva?

Como procedimento metodológico utiliza-se a Análise de Conteúdo, de Bardin (2011). Com ela, é possível classificar e categorizar as mensagens. Definimos por estudar os sentidos semânticos descritos, avaliando verbos, adjetivos e expressões, que direcionam a um entendimento dos afetos, o que o público que assistiu no Canal Viva a primeira semana da telenovela *Tieta* pensa, faz e recorda. Analisamos os comentários publicados no *twitter* entre os dias 01 e 06 de maio de 2017.

## Memória e memória teleafetividade

A memória é considerada um espaço onde guardamos as informações que adquirimos ao longo da vida, um lugar de armazenamento. As lembranças surgem porque estão inseridas neste ambiente. São emitidas cada vez que a memória é chamada, ou seja, só é possível “chamar” as recordações porque essas estão dentro de uma memória (IZQUIERDO, 2016).

Além de ser evocada, a memória exerce um papel socio-cultural relevante, na medida em que traz contextos significativos para a compreensão de como vivem e atuam as sociedades. Izquierdo (2011, p. 11) destaca que a memória consiste na “aquisição, formação, conservação e evocação de informações”. O sujeito adquire porque aprende e, por isso, só registra o que foi aprendido. É a partir deste registro que as evocações aparecem. Para o autor, a “evocação é também chamada de recordação, lembrança, recuperação. Só lembramos aquilo que gravamos [...]”.

No entanto, este arquivamento também acontece em função do contato social e coletivo que possuímos. Aprendemos e guardamos reminiscências pelo contato com outras pessoas e com os grupos de referências. Importante pensar neste aspecto, visto que a memória vem trazer esta reconstrução sobre uma lembrança, seja através de amigos, familiares ou até mesmo revisitando uma cidade, um conhecido ou antigo local de trabalho. Todos trarão recordações que serão otimizadas diante da interferência do hoje, mas que houve uma interação social.

A visita aos lugares faz lembrar fatos que podem ser pessoais, únicos. Todavia, estão ligados também a outros sujeitos, pelo mesmo ambiente e espaço provocador da lembrança. A coletividade se dá por este mesmo ponto.

Assim que evocamos juntos diversas circunstâncias de que cada um de nós lembramos (e que não são as mesmas, embora relacionadas aos mesmos eventos), conseguimos pensar, nos recordar em comum, os fatos passados assumem importância maior e acreditamos revivê-los com maior intensidade, porque não estamos mais sós ao representá-los para nós. Não os vemos agora como os víamos outrora, quando ao mesmo tempo olhávamos com os nossos olhos e com os olhos de um outro. (HALBWACHS, 2003, p. 29-30).

Como diz Halbwachs (2003, p. 30), as nossas memórias continuam coletivas e são acionadas por outros, mesmo em situações e eventos (como ele gosta de referir), em que estivemos sós. No entanto, para ele, o sujeito nunca está sozinho. “Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas que não se confundem”.

A presença do indivíduo em um grupo não necessariamente deve ser física, mas de forma a retomar pensamentos e vivências proporcionadas pelo grupo. “Para confirmar ou recordar uma lembrança, não são necessários testemunhos no sentido literal da palavra, ou seja, indivíduos presentes sob uma forma material e sensível” (HALBWACHS, 2003, p. 31). Esta participação coletiva vai além da presença física, pois está ligada a outras formas de “estar junto”. Os sujeitos podem partilhar de momentos comuns ao visitar uma cidade em que ele conheceu com familiares. No momento deste retorno, ele está sozinho. Contudo, a primeira vez em que ele foi até lá, havia outras pessoas consigo.

Da mesma forma, por exemplo, ao viajar sem a presença de uma companhia a um país desconhecido, mesmo só, sem ninguém próximo para conversar, outros indivíduos estão ali, construindo juntos os pensamentos e as lembranças sobre aquele lugar. O mesmo podemos relacionar ao hábito de assistir TV. A programação apresentada por ela faz com que as pessoas tenham contato com um outro grupo de referência, nesse caso as pessoas, as histórias e todos os conteúdos nela inseridos.

Nessa perspectiva, a televisão consiste em um dispositivo que produz imagens e lembranças constantes aos telespectadores. Ao reprisar um programa, esta expõe elementos que serão percebidos e, com isso, uma recordação será impulsionada. O arquivo televisivo carrega consigo esta qualidade de rememorar um tempo passado.

Quando essas reminiscências são compostas por sentimentos, temos uma memória que, além de afetiva, passa a ser teleafetiva, pois faz vibrar ainda mais o pensamento, visto que a TV envolve experiências individuais e coletivas, de forma igualitária, como definido por Wolton (1996).

Para Wolton (1996), a TV de massa adquire duas funções parcialmente distintas, a de sustentar o laço social na sociedade, que é padronizada e, ao mesmo tempo, conceder este laço num contexto que parece cada vez mais contraditório. Por isso ela é uma atividade transversal e que religa indivíduos a uma mesma bagagem, comprovando sua força.

Para o autor, a televisão serve como instrumento de comunicação entre indivíduos pelo fato de pautar suas conversas sobre o que se vê na TV e não ao que se assiste. Por isso ela é um objeto que possibilita a conversação, dentro e fora de casa, sobre o conteúdo exibido. “Nisso é que ela é um laço social indispensável numa sociedade onde os indivíduos ficam frequentemente isolados e, às vezes, solitários” (WOLTON, 1996, p. 16).

No entanto, acreditamos que o laço social atual, com a participação dos telespectadores em redes sociais, passa a ser não anônimo. A participação em rede permite saber quem e quantos conversam a respeito de determinado programa. No Brasil, o telespectador está se “tornando cada vez mais multitela: 88% dos internautas assistem à TV e navegam na internet ao mesmo tempo por *smartphone* (65%), computador (28%) ou *tablet* (8%)” (LOPES; GRECO, 2016, p. 139).

O *déjà vu* na televisão possibilita laços constantes. Quem assistiu a uma programação há tempos está inserido em um laço social. Assim, quando revê a cena, além do laço formado naquela época, outros são constituídos, a partir de uma memória resgatada.

A figura abaixo ilustra o laço social sendo reconstruído através dos impulsos das recordações.



Figura 1 – Laço social reconstruído com as recordações.

Fonte: Elaborada pelo autor (2017)

Chamamos de memória teleafetiva essa que é reconquistada, reformulando novamente uma experiência, que é reconstruída por um tipo de emoção e de afeto. Como explicado por Halbwachs (2003), em alguns momentos, é

preciso fazer dos depoimentos exteriores uma espécie de semente de rememoração para que possa fazer surgir as lembranças. A TV executa este papel. Consiste em um dos elementos externos que auxiliam na volta ao passado.

Esta memória teleafetiva é a responsável por recuperar e reformular reminiscências reconstituídas a partir das imagens exibidas na televisão e pelos afetos em torno das vibrações provocadas por ela. Além de socializadora (FERRÉS, 1998), de Laço Social (WOLTON, 1996), a TV pode ser um desses “lugares” (HALBWACHS, 2003) que revisitamos e que são percebidos pelas nossas memórias.

Difere da memória afetiva por trazer pulsões geradas a partir da visualização das imagens televisivas, provocadas pelos efeitos emocionais durante o ato de reassistir. A teleafetividade da memória, neste caso, é resultado do laço social reformulado pelas recordações.

Ilustramos, com a imagem a seguir, um telespectador diante de uma reexibição. As letras correspondem aos objetos percebidos e, de outro lado, já no cérebro, os mesmos elementos, mas com vibração proporcionada pela memória teleafetiva. Os números representam outras lembranças e recordações, impulsionadas por emoções vividas em uma época.

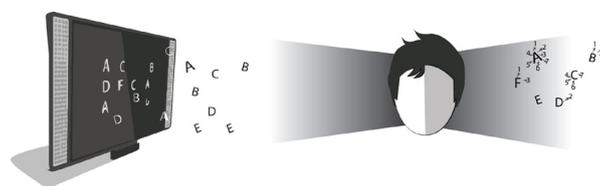


Figura 1 – Vibração com a memória teleafetiva.

Fonte: Elaborada pelo autor (2017)

A televisão proporciona esta relação teleafetiva por ser um dispositivo que rememora, recria reminiscências e que esteve e está presente no dia a dia do telespectador. Os afetos estão presentes na experiência televisiva por ser a TV um meio que socializa os indivíduos pertencentes a uma coletividade, provocando emoções com o que é assistido. Sentimentos de amor, raiva, irritação e saudade podem ser sentidos com as mensagens audiovisuais.

### Memória, emoção e afeto

Darwin concluiu que as expressões emocionais são padrões próprios dos indivíduos, padrões esses de ações vestigiais, ou seja, vem de características já demonstradas em outros animais, como, por exemplo, o fato de mostrar os dentes quando com raiva é bem semelhante ao cachorro, rosnando quando enraivecido ou ameaçado. Outro ponto das conclusões darwinianas é que possuímos um conjunto básico e limitado de emoções, tais como: raiva, tristeza, medo e surpresa (CAIXETA, 2006).

Nas provocações de James, explica Caixeta (2006), as emoções consistem em experimentar as modificações comportamentais quando somos submetidos a determinados estímulos, ou seja, diferentes atuações corporais sistematizam distintas emoções. Compreender esta origem é necessário para relacionar a função e atuação da memória perante às ações emocionais que temos e como as lembranças sinalizam questões afetivas.

Santos (2006) relata que, durante as nossas vidas, são vários os tipos de emoção que vivemos, tanto no momento

em que ocorrem os eventos, quanto no instante em que as vivências são recordadas.

Quando falamos sobre a ação de partilhar lembranças com outras pessoas, lembramo-nos do que Halbwachs (2003) nos diz sobre a constituição da memória coletiva. Nossas experiências passam a exercer um sentido emocional que deve ser observado, e que, conforme Santos (2006), impactam o sentido de nossa existência.

Esse sentido pode ser amparado pelas memórias vivas e estimulantes que temos quando adultos, cujos detalhes são marcantes. Dessa forma, explicam Ribeiro *et al.* (2006), as experiências de cada indivíduo atestam a importância das emoções para a lembrança dos acontecimentos vividos. Há, para os autores, nas circunstâncias com forte carga afetiva, maior lembrança do que em eventos considerados neutros emocionalmente, ou seja, sem muito envolvimento.

“O homem está afetivamente presente no mundo”, diz Le Breton (2009, p. 111). O simples fato de existir provoca um contínuo fluxo de sentimentos que pode ser mais ou menos vivo e pode mudar de acordo com as circunstâncias. Para o autor, “o gozo do mundo é uma emoção que cada situação renova de acordo com suas próprias cores”, e mesmo a ação de pensar não escapa a seleções. Como vimos, o pensamento é uma atividade que faz parte da memória, traz elementos correspondentes às recordações. Assim, é importante salientar que no ato de lembrar também vem consigo questões emocionais, visto que não há como separar pensamento e afetividade.

Como afirma Le Breton (2009), o sujeito não está inserido no mundo como um objeto e com sentimentos passageiros, mas é sempre submetido às influências dos acontecimentos e sendo tocado por eles, em virtude das suas ações e relações com os outros. “Mesmo as decisões mais racionais ou mais ‘frias’ envolvem afetividade. São processos embasados em valores, significados, expectativas, etc. Seu processamento envolve sentimentos, o que diferencia o homem do computador” (LE BRETON, 2009, p. 112).

São os afetos que simbolizam a permanência, a relação do homem com o mundo e a sua intimidade inserida nos acontecimentos do cotidiano, explica Le Breton (2009). Temos sempre uma apropriação de afeto sobre os objetos que nos cercam e que é duradoura, independentemente do tempo. “A emoção é a própria propagação de um acontecimento passado, presente ou vindouro, real ou imaginário, na relação do indivíduo com o mundo”. Exposta em momento provisório, é originada de um fato, no qual o “sentimento se cristaliza com uma intensidade particular: alegria, cólera, desejo, surpresa ou medo” (LE BRETON, 2009, p. 113).

Le Breton (2009), no entanto, esclarece que os sentimentos de amor e raiva estão mais presos ao tempo, arraigados, e se mostram mais integrados às práticas da vida. Mais que todos, refletem este preenchimento no dia-a-dia em função da emoção vivenciada. Para ele, a emoção é situada no tempo por algum sentimento, dissolvendo-se em momentos que são interligados.

São os objetos os responsáveis em oferecer algum tipo de afeto. Sentimento e emoção nascem em função da relação que possam ter sobre algo definido por nós e das circunstâncias de nosso movimento. São baseadas a partir de “um repertório cultural que distingue as diferentes camadas da afetividade, misturando as relações sociais e os valores culturais ativadas pelos sentidos”. (LE BRETON, 2009, p. 114). As emoções seguem as lógicas pessoais e sociais de um sujeito que pensa e agrupa, de acordo com Le Breton (2009),

traços em sua memória, impregnada do seu olhar sobre os outros e sobre o mundo. Então,

as emoções que nos acometem e a maneira como elas repercutem sobre nós têm origem em normas coletivas implícitas, ou, no mais das vezes, em orientações de comportamento que cada um exprime de acordo com seu estilo, de acordo com sua apropriação pessoal da cultura e dos valores circundantes. São formas organizadas da existência, identificáveis no seio de um mesmo grupo, porque elas provêm de uma simbólica social, embora elas se traduzam de acordo com as circunstâncias e com as singularidades individuais. (LE BRETON, 2009, p. 117).

Assim, mesmo apresentando emoções individuais, essas aparecem em função dos contextos sociais e simbólicos. O olhar sobre o mundo é ativado por nossas apropriações pessoais e culturais, mas há interferências das relações coletivas.

A afetividade, segundo Le Breton (2009), consiste na mistura de acontecimentos significativos, tanto de ordem pessoal, quanto coletiva, e que colocamos em prática, originando um sistema de valores e interpretando as situações conforme referências morais construídas por nós. Exemplo disso são as superstições, cuja crença ativa as emoções, como o horóscopo, que diz que a pessoa terá um dia alegre, ou que, ao cruzar com um gato preto, terá um dia angustiante. Neste sentido, Le Breton (2009) esclarece que a emoção é indicada pelo grupo que dá importância a isso, como também é a definição de como vive o indivíduo e como este existe perante o mundo.

#### **A memória teleafetiva e os afetos dos telespectadores de *Tieta***

A análise a seguir investiga os comentários publicados pelos telespectadores da telenovela *Tieta*, reexibida no Canal Viva, a partir do dia 01 de maio de 2017. Coletamos os dados com o auxílio da ferramenta *Grid Monitoramento*, que permite inserir os termos pesquisados e obter a primeira classificação das postagens. O *Grid* é um software utilizado pela Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL, local de trabalho deste pesquisador, que funciona como um monitor em sites de redes sociais e que permite a busca de termos chave no *twitter*.

Como metodologia, aplicamos a Análise de Conteúdo de Bardin (2011). Para a autora, a análise de conteúdo consiste em mostrar indicadores, podendo ser quantitativos ou qualitativos, o que permite o conhecimento das condições de produção e recepção das mensagens. O primeiro indicativo consiste na exibição quantitativa dos números de publicações, para que, a partir disso e após a *leitura fluente* dos comentários, possamos construir as categorias de análise. Apresentaremos, inicialmente, os dados em números e em tabelas, seguidos da abordagem qualitativa. A categorização, Bardin (2011) explica, é constituída pela classificação de elementos formados por um conjunto de elementos diferenciados, que são reagrupados por gênero (analogia), com os critérios definidos previamente. As categorias são, apresenta a autora (2011, p. 147), “rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos (unidades de registro, no caso da análise de conteúdo) sob um título genérico, agrupamento esse efetuado em razão das características comuns desses elementos”.

Bardin (2011) defende que os critérios para categorização podem ser semânticos (categorias temáticas), sintáticos

(verbos, adjetivos), léxicos (sentido das palavras, sinônimos) e expressivos (categorias que expressam conflitos diversos da linguagem). A importância de classificar estes elementos se dá, segundo a autora, pela proximidade que possam ter. Por isso, o agrupamento permite ver partes comuns entre eles.

Optamos pela categorização semântica, no sentido de estabelecer categorias temáticas e, a partir disso, estudá-las, conforme os elementos que aparecerão no discurso dos telespectadores ao comentar sobre a narrativa *Tieta*.

Como recorte, optamos por seis dias, ou seja, uma semana de exibição. As menções no *twitter* foram capturadas do primeiro ao sexto dia após a estreia. Isso em função de percebermos, com a *leitura flutuante*, uma expectativa maior dos telespectadores neste período, ao reviver as cenas de uma narrativa acompanhada há tempos atrás. Preferimos capturar as falas nestes primeiros reencontros, proporcionadas pelo *déjà vu*<sup>1</sup>, para ver o “redesenho”, quadro de lembranças formado.

Obtivemos um total de 810 *tweets* e selecionamos os que apresentaram algum tipo de recordação e afeto com a telenovela, visando atingir o objetivo da pesquisa. Destes, 36 registros foram encontrados e separados para a análise. Os outros foram desclassificados por não apresentar algum tipo de sentimento ou lembrança e por ser publicados por veículos de comunicação, divulgando a estreia e o que irá acontecer nos capítulos.

Seguindo a distribuição semântica das frases, propusemos dividir em dois grupos os comentários dos telespectadores: 24 apresentaram algum sentimento em relação a telenovela; e 12 descreveram reminiscências com as cenas revisitadas<sup>2</sup>.

Verbos e expressões afetivas, como “amar”, “adorar”, “prestigiar”, “chorar”, “bom”, “maravilhosa”, “linda” e “eterna”, demonstram o prazer e os sentimentos do público ao estarem diante da história.

1 - Eu adoro aquela novela Tieta, vou assistir a reprise no canal viva novamente hehe!

2 - Muito bom volta de Tieta no viva .

3 - O Viva tá reprisando Tieta aaaaaa amo

4 - Novela boa acaba logo. #Tieta #TietaNoViva

5 - Linda novela... Linda Tieta... Bela interpretação da Miriam Pires, a eterna Dona Milú.... @canalviva #TietaNoVIVA

6 - Que novela maravilhosa! Como a gente esquece. Tieta, eterna. #TietaNoVIVA

7 - ainda não caiu a ficha que hoje tem tieta no viva eu esperei a vida toda pra ver esse novelão

8 - Tieta eh uma novela boa pra caralho

9 - prestigiando a famosa novela TIETA

10 - TIETA COMEÇOU NO VIVA E EU JÁ TO CHORANDO #TietaNoViva

11 - @nononono @nononono @nononono Tieta e simplesmente a melhor novela de realismo fantástico que eu já vi e eu? <https://t.co/ZG7QBONcl3>

Existe nestes comentários uma certa melancolia e gozo do telespectador. Le Breton (2009) explica que as emoções fazem parte do regozijo do mundo e que se renovam de acordo com suas peculiaridades. É estar presente, explica o autor. Um dos primeiros contatos com uma narrativa revisitada tende a retomar experiências afetivas.

Manifestam estes sentimentos por conhecer a história, qualificam-na como “novelão” e uma das melhores “novelas de realismo fantástico” que já existiu. As pessoas estão sempre sujeitas aos acontecimentos que são coletivos (LE BRETON, 2009) e, por isso, se constituem como indivíduos inseridos no mundo e não como objetos. Os sentimentos não são passageiros, destaca Le Breton (2009).

Percebemos que o *twitter* potencializa as relações sociais, expressa de maneira não anônima os afetos de quem escreve. Os sentimentos passam a ser disseminados na rede e com isso a interatividade tende a ser estabelecida. Os telespectadores querem expor que lembram da telenovela, que esperaram por ela e sentem vibrações positivas ao pensar que estarão novamente diante do enredo de *Tieta*. Corroborando, as publicações na internet descritas a seguir, demonstram que há um espaço para expressar sentimentos.

12 - Feriado bacana. Parabéns @canalviva pela reprise da novela #tieta Cabrita

13 - RT @nononono: Por incrível que pareça, foi uma ótima ideia estreiar uma novela no Feriado. Tô todo mundo em casa, mesmo. #TietaNoViva #Tieta

14 - Que novela formidável, graças a Deus temos resumo de Tieta no domingo. #TietaNoVIVA

15 - Que maravilha ver Tieta no Viva. Essa sim é uma novela capaz de unir o Twitter.

16 - eu sempre quis ver Tieta! ?obrigado canal viva? #TietaNoViva <https://t.co/r16NeLvG6E>

17 - Já valeu o feriado ? ? assistindo Tieta em Canal Viva <https://t.co/OaNf4biRaH>

18 - Enfim, o grande dia chegou: Reestreia de Tieta no Canal Viva.

19 - Ansioso pela estreia de #Tieta no canal #VIVA.

20 - Gente nem vem que eu adoro Tieta. Eu ja me conformei q a minha novela vai ser o flop da grade então já pode vir #TietanoViva

21 - É hoooooje! Que delícia que vai ser rever Tieta! #Ansioso <https://t.co/8DbEf4VPt2>

22 - “FINALMENTE MAIO” Estava ansioso para rever esse grande sucesso...#Tieta no canal viva...Bom demais. <https://t.co/64tJdyiHDI>

23 - “Bem-vindo Maio” e com ele um grande sucesso...TIETA no canal viva...bom demais... <https://t.co/cUABSeC9SR>

Os comentários 12, 13 e 17 relatam o entusiasmo dos telespectadores em acompanhar a telenovela em dia de feri-

<sup>1</sup> Termos utilizado por Bergson para definir o redesenho de algo que é revisitado.

<sup>2</sup> Os *tweets* foram numerados para melhor localização na análise e anonimizados, excluindo o nome do perfil que publicou

ado. O fato de estarem em casa e poderem assistir mostra uma alegria a ponto de ficarem satisfeitos com a data. Demonstra neste aspecto que as afetividades acontecem, como explica Le Breton (2009), por normas coletivas implícitas e em orientações de comportamento que cada indivíduo segue. Há um simbolismo social (LE BRETON, 2009) que confere ao feriado a presença do sujeito em seu lar. A televisão, neste ponto, aparece como um dos recursos do ócio e comprova a força do meio para evocação de afetos.

As expressões “ansioso”, “grande dia”, “é hoje”, “que delícia” e “bem-vindo maio” apresentam a expectativa da estreia e de poder revisitar uma narrativa tempos depois. Analisamos que a memória pode influenciar os afetos de quem revive determinado fato ou ação. Os telespectadores lembram da história e querem rememorar cenas e imagens. Há nesta perspectiva a ação da memória teleafetiva, visto o desencadeamento das recordações e afetos proporcionados. A televisão é um lugar de revisitação, onde o espaço coletivo também acontece. Uma vez assistida e acompanhada a narrativa, em determinado tempo e espaço social, memórias afetivas são criadas com o auxílio dos grupos de referências: pais, amigos e familiares.

Com a TV, todos os elementos que ela transmite e apresenta, como os atores, apresentadores, jornalistas e narrativas, passam a fazer parte deste conjunto de identificação social.

Os próximos tweets, 23 e 24, direcionam também para uma leitura afetiva ao comprovar a “volta da cabrita”, ou seja, uma lembrança foi ativada com a personagem título.

23 - Gente nem vem que eu adoro Tieta. Eu ja me conformei q a minha novela vai ser o flop da grade então já pode vir #TietanoViva

24 - A melhor novela que a gente quer ver hoje e sempre. Mé-eeeeee... a cabrita da #Tieta voltou. #TietaNoVIVA <https://t.co/m2j1JGUbrU>

Outra consideração é a respeito de colocar a telenovela como programa principal na grade (tweet 23) e afirmar uma conformidade por isso. O verbo “adorar” fortalece essa sensação. Mesmo diante de dispositivos como smartphones, tablets e equipamentos que permitem uma programação *on demand*, há ainda a valorização da grade de programação na televisão. Pelo menos no Canal Viva. Nas próximas postagens percebemos algumas lembranças do público que reassistiu *Tieta* no Viva.

25 - Nossa! que legal A #viva esta reprisando a novela #Tieta. Eu lembro pouco dela.

26 - #Tieta novela ousada para os parâmetros da época

27 - Ah Tieta tá passando no Viva. Vocês mais jovens ficarão chocados com a TV aberta da década de 90. O povo só queria transar.

28 - Eu gostava muito desse estilo de novela do Aguinaldo Silva. Tieta ficou na memória! #TietaNoVIVA

29 - Acabei d assistir o primeiro capítulo da novela Tieta. Meu deus, se fosse hj a patrulha do politicamente não teria sossego. #TietaNoVIVA

Vimos nestes comentários a recordação sobre o enredo e a ousadia das cenas de nudez na abertura e nas ações de

algumas personagens em relação ao sexo. Passaram-se 28 anos e o público consegue fazer uma comparação entre o passado e o presente, analisando que algumas destas cenas não poderiam ser exibidas na atualidade.

Em 1989, em um contexto coletivo, talvez via-se a nudez com mais naturalidade, mas presente na TV aberta. É esta coletividade que interfere na constituição dos afetos. A surpresa ao estar diante de imagens assim consiste em um sentimento revisitado. O público voltou no tempo e fez comparações. O recordar é que nos liga ao passado e a forma como rememoramos define como estamos no presente. “Como indivíduos e sociedades, precisamos do passado para construir e ancorar identidades e alimentar uma visão do futuro”, explica Huyssen (2000, p. 67). A televisão possibilita esses reconhecimentos identitários. Ela é capaz de mostrar o que fomos e como estamos. Arquivo imagens para que possamos rememorar posteriormente.

30 - @nononono Sério mesmo q vai reprisar Tieta?? Gente, essa novela foi show! Eu era cça, mas ainda me lembro do Ciiiiira... maravilhosa Perpétua? <https://t.co/M4wfr8BMx4>

31 - Mamãe ta vendo a novela Tieta e eu só consigo lembrar do Cosme kkkk

32 - RT @nononono: Tieta não aparece na primeira semana de novela. ? Lembrei que ela volta na cena icônica do carro vermelho conversível ?

Objetos e personagens constroem conosco elementos de identificação que consistiram uma presença. Fizeram parte de um grupo de referência e, com isso, afetos e recordações surgem. Nestes comentários, do 30 ao 32, percebemos a força que um intérprete pode ter. Mesmo criança (tweet 30), há a lembrança da forma como Perpétua chamava Cinira . A expressão “maravilhosa” configura este sentimento de prazer ao lembrar da atuação das atrizes. O mesmo ocorre no comentário 31 que só consegue recordar a personagem Cosme . Há uma afetividade porque mostra uma alegria do telespectador. As personagens da telenovela exercem uma função essencial na reconstrução da memória dos telespectadores. Elas também fazem parte da percepção que evoca a lembrança de um tempo vivido.

Os objetos de cenas, trilhas sonoras e personagens demarcam também as memórias de quem assistiu pela primeira vez. Ao vê-los o sujeito traz consigo reminiscências de fatos, pessoas e ocasiões do passado. Por isso há dileção na memória teleafetiva. Halbwachs (2003) destaca que a memória é coletiva e que a revisitamos em função do contato social que temos uns com os outros. A TV traz esta sociabilidade, insere o telespectador tanto em um espaço atual quanto em um antigo.

Os tweets abaixo demonstram esta socialização com a presença de um dos grupos de referência e concretização de um tempo vivido.

33 - @nononono @nononono Em pensar que na época de tieta, para meus pais assistirem novela, tinha q nos deixar ver tb? <https://t.co/3AlxOrH1HS>

34 - Hoje começa a reprisar Tieta no Viva,e olha só,é outra coisa que me lembra meu pai pra caramba(ele era novelheiro)

Nas postagens 33 e 34 houve uma lembrança de algo familiar: os “Pais”. Um telespectador lembrou do pedido de permissão para assistir à telenovela e a outro trouxe uma nostalgia ao recordar que “lembra meu pai pra caramba (ele era noveleiro)”. Neste último, vimos a força da memória teleafetiva, a televisão no cotidiano da família. Percebemos que a figura paterna em 1989, para este internauta, foi marcante e que a volta de *Tieta* trouxe lembranças porque era o que o pai fazia: assistia a telenovela. Uma narrativa audiovisual revisitada contribui para a potencialização de afetos. A memória teleafetiva resgata e reorganiza as lembranças decorrentes dos objetos em cena, expostos na televisão. Como dito anteriormente, há vibrações suscitadas por ela.

Percebemos que o laço social gerado num primeiro momento, tempos atrás, é retomado e tem um sentido novo através da lembrança ao visitar uma narrativa audiovisual. Acreditamos que há uma força do sujeito em querer reconstruir este laço. Ao visitar “os lugares” com o Canal Viva, o laço reaparece, com outro fio, agora duplo. O primeiro configurado com aquilo que foi vivido no passado, e o segundo, no presente, com as interferências do primeiro e “costurado” com lembranças afetuosas. Lembranças que podem ser tanto alegres, quanto tristes.

Os “quadros sociais” (HALBWACHS, 2003) contribuem para estas observações. Afinal, a memória é sempre coletiva. Os telespectadores estão constantemente em contato com grupos de convívio e de referências. Mesmo cada um possuindo memórias individuais, estas acontecem no dia a dia, no contato com as outras pessoas.

Averiguamos este contexto nos comentários 35 e 36, nos quais aparecem lembranças afetivas e particulares.

35 - eu assisti a novela Tieta quando eu era bem pequeno #TietaNoVIVA

36 - essa novela marcou minha vida, um tempo q nao volta mais. ??... <https://t.co/2SHPG02nDD>

Nesses exemplos, percebemos a memória evocada com a obra. Ao rever as cenas, o *tweet* 35, relata lembranças de quando o telespectador “era bem pequeno”. No 36, analisamos uma memória emocional que foi resgatada, marcada em um tempo que não retorna mais. Izquierdo (1989) destaca que há algo em comum em todas as memórias: a conservação do passado pelas representações e imagens. A telenovela, ao ser reprisada no Canal Viva, evidencia esse direcionamento. São argumentos que comprovam haver uma memória teleafetiva, por manifestarem afetos e sentimentos recuperados diante da televisão.

Estes fatos podem ser significativos, já que foram descritos na rede social e, assim sendo, podemos pensar que são compostos por sentimentos. Le Breton (2009) explica que tanto pessoal, quanto coletiva, a afetividade consiste em um conjunto de acontecimentos relevantes e que origina um sistema de valores para nós. Para o autor, os afetos são importantes para manter a relação social do homem, e as emoções permanecem na propagação de acontecimentos do passado e do presente. O fato de lembrarmos de algo sempre traz consigo algumas questões emocionais. Nesses *tweets*, ficou claro que há um sentimento constituído ao visitar uma narrativa.

## Considerações Finais

Este artigo analisou os afetos e recordações dos telespectadores ao revisitarem uma narrativa exibida tempos depois. Percebemos o twitter como uma ferramenta para disseminação de afetos. As pessoas querem publicar o que estão sentindo diante da telenovela.

Mesmo sendo um fenômeno comum no Brasil, o fato de publicar, em sites de redes sociais, opiniões referentes ao que se passa na televisão, com a memória teleafetiva os telespectadores tendem a manifestar afetos diante das vibrações provocadas com as lembranças.

Analisamos no público que “revisitou” *Tieta* algumas afetividades perante o que estava sendo exibido. O amor, a paixão, a família, a surpresa, a alegria surgiram diante da telenovela. Os telespectadores sentiram prazer em rever algumas personagens e elementos que constituíram as cenas, e a memória teleafetiva contribuiu para isso. É pelo laço social reformulado e é pelos grupos de referência que as evocações acontecem. Só há emoção porque é ela que nos conecta ao mundo.

A TV, principalmente o Canal Viva, ao reprisar estes programas, tende a trazer de volta afetos, que talvez estivessem escondidos e só foram sentidos novamente pela sua presença.

Concluimos que quanto mais recordações a televisão trouxer, maiores serão os afetos e as satisfações do público. Na análise percebemos que os acontecimentos individuais, diante da TV, passam a ser também coletivos. O telespectador que lembrou do carro vermelho de *Tieta* estava em um contexto particular ao ver este objeto pela primeira vez. Não precisa reencontrá-lo em cena, ao ver o primeiro capítulo, lembrou que o automóvel só chegaria depois.

A teleafetividade é que dá impulso para as manifestações em sites de redes sociais, porque a TV tem essa função de socializar e provocar emoções. Por isso, os comentários saem da sala de estar, do quarto e de qualquer outro cômodo familiar, para serem propagados na internet.

As pessoas sentem saudade de um período vivido, de objetos, de roupas e de pessoas. Ficou evidente o quanto a televisão proporcionou este sentimento. Com as cenas exibidas, os telespectadores recordaram situações que haviam esquecido. Fez bem, para os que assistiram aos primeiros capítulos, o fato de recordar e sentir prazer com essas recordações.

## Referências bibliográficas

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 2ª reimp. da 1.ed. São Paulo: Edições 70, 2011.

BERGSON, H. **Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

CAIXETA, L. "Desenvolvimento histórico das neurociências das emoções". In: PÔRTO, W. G (Org). **Emoção e Memória**. São Paulo: Artes Médicas, 2006.

LEITE, A. "**Tieta**" **deixa Canal Viva em primeiro lugar na TV Paga**. CTV Audiência, São Paulo, 8 jul. 2017. Disponível em: < <http://ctvaudiencia.com/tieta-deixa-canal-viva-em-primeiro-lugar-na-tv-paga/>>. Acesso em: 15 de jan de 2018

FERRÉS, J. **Televisão subliminar: socializando através de comunicações despercebidas**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2003.

HUYSEN, A. **Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

IZQUIERDO, I. **Memórias. Estudos Avançados**, São Paulo, v. 3, n. 6, maio/ago. 1989. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40141989000200006](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141989000200006)>. Acesso em: 10 de ago. 2016.

\_\_\_\_\_. **Memória**. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

LE BRETON, D. **As paixões ordinárias: antropologia das emoções**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

LOPES, M. I. V.; GRECO, C. Brasil: a "TV transformada" na ficção televisiva brasileira. In: LOPES, M. I. V.; GÓMEZ, G. O. (Re)invenção de gêneros e formatos da ficção televisiva: anuário Obitel 2016. Porto Alegre: Sulina, 2016.

SANTOS, F. H. Memória emocional em crianças. In: PÔRTO, W. G. (Org). **Emoção e Memória**. São Paulo: Artes Médicas, 2006.

WOLTON, D. **Elogio do grande público: uma crítica da televisão**. São Paulo: Ática, 1996.